

A Ancoragem no Passado e a Circunstancia de Transição na Composição da Poesia Árcade Lusitana

Wellington Freire Machado
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Segundo Massaud Moisés (1980:69), a fundação da Arcádia Lusitana se deu no ano de 1756 e buscava, entre outros objetivos, preconizar a restauração dos ideais clássicos de arte e da vida, mediante a revalorização da poesia lírica de Camões e do pastoralismo quinhentista, bem como revivescer os modelos greco-latinos. Ao observar a gama textual produzida neste período, percebe-se que a proposta de produzir-se literatura baseada nesses ideais constitui uma clara tentativa de “limpeza” da poesia e da prosa (AUGÉ, 1960: 74), em reação aos excessos a que havia chegado o Barroco (MOISÉS, 1961: 63).

Dessa forma, é conveniente afirmar que o movimento árcade em Portugal se constituiu a partir de diversas influências precedentes, bem como sofreu inegável influxo na constituição e no espírito pela Arcádia de Roma, como afirma Teófilo Braga (1999) em *A Arcádia lusitana*. Assim sendo, neste artigo analisar-se-á o aspecto racional coexistindo com o rigor formal em “Idéias que em desgostos exercitas”, contraponto com a presença dos clássicos gregos paralelos a traços pré-românticos em “Li teus versos, Fulano, e quando os lia”, de Marquesa de Alorna.

Assim, ao constatar a presença de um aspecto racional em um poema árcade, percebe-se, antes de tudo, uma perfeita fusão entre sentimento e pensamento, como afirma Massaud Moisés em “A criação literária: introdução à problemática da literatura”. Logo, no que diz respeito ao primeiro poema citado, “Idéias que em desgostos exercitas”, percebe-se um aparente elogio a forma racional de pensar e agir, em decorrência dos problemas interiores. A racionalidade a que se refere dá-se de fora para dentro, pois há uma influência externa agindo sobre um indivíduo conflituoso, um eu-lírico que aconselha a todo o momento a personagem Lise, que se encontra em constante conflito interno

Foge daqui, Pastora, que a tormenta
Que em sítio tão cruel te tem cercada
Ainda mais com teu pranto se acrescenta
(versos 9-11).

A incitação ao pensamento e a reflexão acerca de si mesmo é um importante recurso utilizado pelo autor do poema, que em determinado momento aponta o fato da própria Lise estar meditando – e assim, por conseguinte refletindo –, para condicioná-la ao caminho considerado correto. Para

Benjamin Abdala Júnior, em “História social da literatura portuguesa” o racionalismo é um dos principais elementos constituintes da produção literária árcade. Assim, ao conduzir Lise de forma racional a tomar uma determinada decisão baseada nos conselhos que o próprio eu – lírico oferece, pressupõe-se uma suposta valorização das experiências de vida como base para resolução dos conflitos internos.

Essa questão da valorização das experiências pessoais como alicerce de uma estabilidade mental é um dos pressupostos do movimento iluminista, que deixou marcas perceptíveis na história e na poesia árcade lusitana. Para Benjamin Abdala Júnior:

No direito, o fundamento político dos estados ilustrados, ou iluminados, era a razão. (...) Além do direito, o Iluminismo desempenhou um papel decisivo na cultura em geral e em particular na educação regular. (ABDALA JÚNIOR, 1955: 65)

Dessa forma, a partir da consideração do impacto social e cultural dos ideais iluministas, pode-se reconhecer neste poema a presença abundante de traços identitários, como a crença no direito autônomo e a possibilidade de domínio do próprio indivíduo em relação à vida, o que constitui uma inegável racionalidade em relação ao posicionamento de Lise diante dos problemas, o poder enxergá-los no presente “Que vês, Lise? Senão mágoas escritas?” (verso 8) para poder resolvê-los no futuro “Foge daqui, Pastora, que a tormenta”... (verso 9).

Ademais, outra questão latente é a presença da natureza – elemento recorrente

e integrante da poesia árcade (MOISÉS, 1981:28) – atrelada à questão da solução dos problemas pessoais. No poema, a natureza é o lugar onde se encontra o conflito interno de Lise, e para a resolução deste nada mais é necessário senão o trabalho com a percepção racional acerca da realidade e da natureza a sua volta, “Vê do trovão a nuvem carregada/ Teme os coriscos que entre si fermenta / Escuta o negro mar que ao longe brada” (verso 12,13 e 14), pois é no mar onde se encontra o pranto e as aflições de Lise.

A presença da natureza na literatura árcade portuguesa justifica-se, pois neste período foi evidente a busca por uma expressão clara, nítida e compreensiva (AUGÉ, 1960:42). Por isso, a relação entre situações atreladas ao natural constituiu uma considerável ferramenta para a difusão dos ideais árcades. Assim, se por um lado se percebe no Arcadismo de língua portuguesa uma constante clareza na expressão de idéias através de uma linguagem direta (COUTINHO, 1955: 32), por outro se percebe uma perseverante presença de um rigor formal inspirado nos clássicos gregos (ABDALA, 1990: 81).

Assim, ainda no poema “Idéias que em desgostos exercitas”, além da utilização de recursos semânticos que apontam para um pensamento racional e para a auto-resolução dos problemas pessoais, percebe-se também a revisitação ou a retomada de formas consagradas pelos clássicos greco-latinos, o que a primeira vista pode parecer uma explícita contradição.

Segundo o “Manual de versificação românica medieval”, de Segismundo Spina:

O soneto faz a sua aparição na primeira metade do século XIII en-

tre os poetas da escola siciliana durante o reinado sueco de Frederico II (Spina, 2003: 10)

Em relação à estrutura, o poema é um soneto decassílabo com rima ABBA CDE. Para Renira Lisboa de Moura Lima, em “A forma soneto” (2007), o soneto é uma estrutura de fácil assimilação e memorização (p. 10). Baseando-se nessa informação, é possível entender a aparente contradição presente na Arcádia lusitana, em que se atrelam ideais renovadores a estruturas formais limitadas, porém simples. Dessa forma, o regaste a partir da utilização de uma forma que surgira no princípio do medievo constitui um importante recurso semântico. Por isso, apesar da complexidade – do ponto de vista produtivo – pode-se perceber no soneto uma aparente simplicidade musical ou formal aos olhos de quem aprecia, que em nível de sentido o soneto muito pode se identificar com as aspirações de simplicidade e clareza constantes na produção de autores influenciados pelo arcadismo.

Desse modo, se por um lado o soneto “Idéias que em desgostos exercitas” apresenta características controversas, como estar agrilhado a estruturas formais ancoradas em um passado distante coexistindo com idéias iluministas vanguardistas, por outro no poema “Li teus versos, Fulano, e quando os lia” percebe-se um caminho semelhante traçado pela autora, porém em direção a rumos diferentes. Enquanto naquele, a inspiração nos clássicos se dava enquanto à forma, neste, a presença dos clássicos gregos se dá além da forma, pois também há a menção a deuses pagãos. Naquele, enquanto os ideais iluministas

predominavam, neste as características se atrelam aos traços pré-românticos.

Em “A mitologia clássica no humanismo do renascimento português” Antônio Maria Martins Melo, professor da Universidade Católica Portuguesa de Braga, afirma:

Manancial de temas, que alimentou a inspiração de poetas, as mitologias grega e romana, transmitidas através da literatura ou de recolhas dos mitólogos, hão de ser redescobertas pelos humanistas do Renascimento, para servirem de novo como elemento de criação artística. (Melo, 2004: 169)

Isto é, assim como os poetas do Classicismo, que por sua vez buscavam inspiração nos clássicos gregos e latinos (ABDALA, 1990: 81), os da Arcádia Lusitana também vão servir-se dos diversos recursos e retomadas à mitologia pagã. Assim como inúmeros contemporâneos a si, Marquesa de Alorna em “Li teus versos Fulano, e enquanto os lia” também se vale deste recurso para atribuir significados à sua poesia.

Dessa forma, ao longo do poema a autora faz diversas menções a figuras pagãs como a Musa e Vulcano. Assim, em “A musa ineficaz esmorecia” (v.5) o eu – lírico faz uma relação com as divindades inspiradoras de artistas. Linda Schierse Leonard afirma em “E a Loucura tinha razão” que na mitologia as musas – além de inspirar a produção artística e científica – possuíam a habilidade de criar belas canções e poemas (p.149). No poema, ao atrelar o atributo da ineficácia à Musa, o eu-lírico descaracteriza esta figura na acepção mito-conceitual comumente ligada a ela. Dessa forma, a Musa já não mais

inspira porque agora é ineficaz, e tampouco consegue dar vida, pois de certo modo está perdendo as suas propriedades originais ao esmorecer. Isso tudo constitui uma inquestionável habilidade do eu – lírico ao inverter o sentido que comumente é atribuído a Musa em prol da sua própria condição existencial desfavorável a qualquer inspiração ou perspectiva de incitar.

Ainda seguindo a inspiração nas divindades pagãs, Marquesa de Alorna faz menção a Vulcano “Tu que tens dum Vulcano a natureza” (v. 10). Para Thomas Bulfinch, em “O Livro de Ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis”

Vulcano era o arquiteto, o ferreiro, o armeiro, o construtor de carros e o artista de todas as obras do Olimpo. Construía com bronze as moradas dos deuses; fazia os sapatos de ouro com que os imortais caminhavam sobre o ar ou sobre a água. (Bulfinch, 2000: 10)

Em outras palavras, Vulcano – por lidar com a confecção de metais e a fabricação de armas – é considerado o Deus do fogo (BERNARDI, 1999:56). Dessa forma, ao dizer que o sujeito possui em si a natureza de um Vulcano, o eu-lírico, ao contrário do que foi feito com a Musa, atribui ao próprio indivíduo as características de Vulcano: habilidoso, porém devastador. Partindo disso, é possível estabelecer uma ponte relacional de causa e consequência: a Musa esmorece – e por conseguinte perde as propriedades de musa – porque o amado tem em si uma natureza devastadora e incontrolável, tal como a divindade pagã. Ao valer-se disso,

mais uma vez percebe-se o modo como as condições de produção e a predominância do pensamento iluminista atuam neste poema, pois o eu-lírico recorre a um recurso dotado de significado – no caso as divindades pagãs – para condicioná-las a uma nova condição existencial em decorrência do seu próprio estado de espírito.

Assim, se por um lado o poema está ancorado em um passado distante através da estrutura formal e do recurso de adesão a Deuses e figuras da mitologia pré-cristã, por outro também há um caráter vanguardista, pois, no poema também se percebem características que antecipam a escola literária que a nível histórico sucederá ao Arcadismo em Portugal, o Romantismo. Este momento na história da literatura portuguesa é caracterizado como pré-romantismo.

António José Barreiros afirma em “História da literatura portuguesa: Séc. XVII-XX (7o. ano dos liceus)” que o pré-romantismo foi um momento em que houve uma grande predominância do sentimento como fonte de inspiração, bem como o desprezo do racionalismo neoclássico. Esses traços pré-românticos são bastante abundantes na poesia de Marquesa de Alorna, pois esta poetisa é conhecida – assim como Bocage, Filinto Elísio e José Anastácio da Cunha – como uma autora arcáde com características pré-românticas (MACHADO, 1986:18).

Essa afirmação justifica-se a partir da observação dos seguintes versos:

“Li teus versos Fulano, e quando os lia / Em cardumes o peito me rasgavam” (v. 1-2) “Crebros, altos suspiros, que estalavam / No

ar, que muito ao longe os estendia”
(verso três e quatro).

As proporções deste poema expressam uma dimensão emocional bastante significativa no universo sentimental do eu-lírico, pois a partir da observação deste poema é possível perceber que o mesmo expressa aquilo que sente, sem maquiagem de sentimentos ou buscar uma aparente fuga ao pesar que se abate sobre seu estado emocional. Além disso, também há a figuração da natureza enquanto elemento presente no momento em que este eu-lírico está vivendo “E enquanto lendo-as n’alma se agravavam / Caiu a noite, e levantou-se o dia”. Logo, o tempo – considerado uma importante ferramenta de transformação e de transição – sequer oferece qualquer possibilidade de mudança. Neste poema, o dia – que para os poetas árcades é significativo de felicidade (ADBALA, 2007:141) – não oferece qualquer oportunidade de melhora, e o sentimento de tristeza e de inquietude se mantêm presentes.

Ao analisar a produção cultural realizada em Portugal durante o período árcade percebe-se, sob todos modos a literatura como um grande sistema em que há uma visível interligação entre distintas fontes de saberes, e não um conglomerado de elementos díspares. Para o teórico Itamar Even-Zohar, em “Teoria do Polissistema” é importante entender este fenômeno semiótico a partir de um enfoque funcional sem deixar de considerar os diferentes aspectos históricos (p.04). Isto é, considerar as diversas influências que sofreu tanto o autor do primeiro poema analisado como Marquesa de Alorna durante a concepção da sua arte, influências de ordem histórico-sociais e culturais.

Dessa forma, ao considerar o rigor formal coexistindo juntamente ao pensamento iluminista em “Idéias que em desgostos exercitadas”, bem como a expressão de traços preromânticos em “Li teus versos, Fulano, e quando os lia” de Marquesa de Alorna, inseridos dentro de um soneto com diversas menções a entidades pagãs, percebe-se sobretudo a consolidação da Teoria do Polissistema, que enxerga o processo de produção literária como algo composto por um aspecto plural, formado por vários fatores diferentes que influenciam sobre um mesmo ponto, ou seja, é reconhecer as distintas relações interdependentes que dialogam entre si durante o processo de criação literária.

Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Historia Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: ATICA, 1982.
- ABDALA JR., Benjamin. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1985.
- AUGÉ, Paul. *Encyclopédie Larousse Méthodique*. Paris: Librairie Larousse, 1960.
- BRAGA, Teófilo. *A Arcádia Lusitana: Garção, Quita, Figueiredo, Dinis*, Porto, Livr. Porto: Chardon, 1899.
- BARREIROS, António. José. *História da literatura portuguesa: Séc. XVII-XX*. Lisboa, Ediltra Paz, 1985.
- BERNARDI, Francisco. *As bases da literatura brasileira: histórias, autores, textos e testes*. Porto Alegre: Age, 1999.

- BULFINCH, Thomas, 1796-1867– *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro : Ediouro, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: Introdução, barroco, neoclassicismo, arcadismo*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955.
- EVEN-ZOHAR, Itamar 2005. *Polysystem Theory*. In Even-Zohar, Itamar 2005.
- MOISÉS. Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- . *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- . *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- . *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- LEONARD, Linda. Schierse. *E a loucura tinha razão*. São Paulo: Summus, 1993.
- LIMA, Renira. *A forma soneto*. Maceió: Edufal, 2007.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *O romantismo na poesia portuguesa: (de Garrett a Antero)*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Cultura, 1986.
- MELO, Antônio Maria. *A mitologia clássica no humanismo do renascimento português*. Braga: UCP, 2004 Disponível em www2.dlc.ua.pt/classicos/mitologia.pdf
- PAES, José Paulo &. MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- SONETOS. Disponível em www.sonetos.com.br/historia.php – Acesso em 06 dez.
- SPINA, Segismundo. *Manual de versificação românica medieval*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Anexo 1

Marquesa de Alorna

Idéias que em desgostos exercitas
Te rodeiam de espectros, e de medos
Curvada, e sotoposta¹⁷ aos penedos,
Que fazes, Lise triste, que meditas?

Cercam-te os ais de vozes mil aflitas,
Vês partidos dos raios os rochedos;
Em rudes troncos, densos arvoredos,
Que vês, Lise? Senão mágoas escritas?

Foge daqui, Pastora, que a tormenta
Que em sítio tão cruel te tem cercada,
Ainda mais com teu pranto se acrescenta.

Vê do trovão a nuvem carregada,
Teme os coriscos¹⁸ que entre si fermenta,
Escuta o negro mar que ao longe brada.

Anexo 2

Marquesa de Alorna

Li teus versos, Fulano, e quando os lia 5)
Em cardumes o peito me rasgavam
Crebros, altos suspiros, que estalavam
No ar, que muito ao longe os estendia.

A Musa ineficaz esmorecia
Ante as queixas, que as mágoas te ditavam;
E enquanto lendo-as n'alma se gravavam
Caiu a noite, e levantou-se o dia.

Tu, que tens dum Vulcano a natureza,
Não sabes que a piedade tanto inspira
A uma alma que um profano amor despreza.

Quando escuta Fulano, que suspira,
Se se farta de fel, e de tristeza;
Condói-se Alcipe, chora e não delira.